

O CORREIO DAS CORUJAS

Harry Potter era um rapazinho muito pouco vulgar. Por um lado, a época do ano que mais detestava era a das férias de Verão. Por outro, queria muito fazer os trabalhos de casa, mas via-se obrigado a fazê-los às escondidas, pela calada da noite. Além disso, Harry Potter era um feiticheiro.

Era quase meia-noite e ele estava deitado de bruços, na cama, com os cobertores a taparem-lhe a cabeça formando uma espécie de tenda, uma lanterna na mão e um enorme livro com encadernação de cabedal (*A História da Magia*, de Adalbert Waffling) apoiado contra a almofada. Harry moveu a sua pena de águia ao longo da página, franzindo as sobrancelhas, enquanto procurava alguma coisa que o ajudasse a escrever o texto: «A queima das bruxas no século XIV foi totalmente inútil. Comente.»

A pena parou no princípio de um parágrafo muito prometedor. Harry ajeitou os óculos redondos sobre o nariz, aproximou mais a lanterna do livro e leu:

As pessoas não-mágicas (mais conhecidas por Muggles) tinham um tremendo receio da magia durante a Idade Média, mas não sabiam reconhecê-la. Das poucas vezes que prendiam uma verdadeira feiticheira ou feiticheiro, a fogueira não tinha qualquer efeito sobre eles. A feiticheira ou feiticheiro efectuava um feitiço básico de travagem das chamas e fingia torcer-se com dores enquanto sentia uma ligeira sensação de cócegas. Na verdade, a feiticheira Wendelin gostava tanto de ser queimada que se deixou apanhar quarenta e sete vezes ao todo, sob os mais variados disfarces.

Harry pôs a pena na boca e procurou debaixo da almofada o tinteiro e um rolo de pergaminho. Lenta e cautelosamente, abriu o frasco de tinta, molhou a pena e começou a escrever, fazendo uma pausa de vez em quando para prestar atenção, porque

se algum dos Dursley desse pelo ruído da pena a arranhar o pergaminho enquanto passava para a casa de banho, ele seria provavelmente fechado no armário que ficava debaixo das escadas até ao final do Verão.

A família Dursley, do número quatro de Privet Drive, era a razão pela qual Harry nunca apreciava as férias de Verão. O tio Vernon, a tia Petúnia e o seu filho Dudley eram os seus únicos familiares vivos. Eram Muggles e tinham uma atitude medieval em relação à magia. Os pais de Harry, já falecidos, que tinham sido ambos feiticeiros, nunca eram mencionados sob o tecto dos Dursley. Durante muitos anos, a tia Petúnia e o tio Vernon acreditaram que se maltratassem Harry suficientemente, conseguiriam extirpar a magia de dentro dele. Para sua grande cólera, fracassaram por completo e agora viviam apavorados com a ideia de que alguém pudesse descobrir que o sobrinho passara os dois últimos anos na Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts.

Tudo o que actualmente podiam fazer era fechar-lhe os livros de encantamentos, a varinha, o caldeirão e a vassoura no início das férias de Verão e proibi-lo de falar com os vizinhos.

Esta separação dos livros de encantamentos constituía um verdadeiro problema para Harry, porque os professores de Hogwarts tinham-lhe passado uma grande quantidade de trabalhos para fazer nas férias. Um deles, o mais difícil de todos, sobre Poções de Encolher, era para o professor de quem Harry menos gostava, o professor Snape, que adoraria ter um bom pretexto para lhe dar um castigo que durasse um mês. Por isso, Harry aproveitara a sua sorte durante a primeira semana de férias, enquanto o tio Vernon, a tia Petúnia e Dudley tinham ido até ao jardim admirar o novo carro da empresa do tio (falando muito alto para que todos os vizinhos reparassem nele) e, esgueirando-se até lá abaixo, pegara na chave do armário que ficava debaixo das escadas, tirara alguns dos seus livros e escondera-os debaixo da cama. Desde que não manchasse os lençóis com tinta, os Dursley não iriam descobrir que ele estudava magia à noite.

Harry tentava ao máximo evitar problemas com os tios, que já estavam bastante aborrecidos por ele ter recebido uma chamada telefónica de um colega feiticeiro, uma semana depois do início das férias de Verão.

Ron Weasley, que era um dos seus melhores amigos em Hogwarts, descendia de uma família de feiticeros, o que significava que sabia uma série de coisas que Harry ignorava, embora nunca na vida tivesse utilizado um telefone. Infelizmente, foi o tio Vernon quem atendeu a chamada.

— Vernon Dursley, diga por favor.

Harry, que por acaso estava na sala naquele momento, ficou gelado quando ouviu a voz de Ron do outro lado.

— ESTÁ? ESTÁ? CONSEGUE OUVIR-ME? EU... QUERO... FALAR... COM... O HARRY... POTTER!

Ron gritava tão alto que o tio Vernon deu um salto e afastou o auscultador trinta centímetros do ouvido, olhando para ele com uma expressão que era um misto de fúria e de pânico.

— QUEM FALA? — berrou secamente em direcção ao auscultador. — QUEM ESTÁ AO TELEFONE?

— RON... WEASLEY — gritou Ron tão alto como se ele e o tio Vernon estivessem a falar de um para o outro extremo de um campo de futebol — EU SOU... UM AMIGO DO HARRY... DA ESCOLA...

Os olhos pequeninos do tio Vernon pousaram sobre Harry, que parecia pregado ao chão.

— NÃO MORA AQUI NENHUM HARRY POTTER! — respondeu o tio secamente, segurando o auscultador à distância de um braço, como se receasse que ele explodisse. — NÃO SEI DE QUE ESCOLA ESTÁ A FALAR! NÃO VOLTE A LIGAR PARA CÁ! NÃO SE APROXIME DA MINHA FAMÍLIA!

E pousou o auscultador no descanso como se largasse uma aranha venenosa.

A barafunda que se seguiu foi uma das piores de sempre.

— COMO TE ATREVES A DAR ESTE NÚMERO A PESSOAS COMO... A PESSOAS COMO TU?! — vociferou o tio Vernon, enchendo Harry de perdigotos.

Ron apercebeu-se obviamente de que tinha criado problemas ao amigo e não voltou a ligar. A outra grande amiga de Hogwarts, Hermione Granger, também não dissera nada. Harry suspeitou de que Ron a avisara para não telefonar, o que foi uma pena, porque Hermione, a jovem feiticera mais inteligente do ano de Harry, era filha de Muggles, sabia perfeitamente usar o telefone e seria certamente sensata a ponto de não referir a escola de Hogwarts.

Harry, portanto, já não tinha notícias de nenhum amigo ou amiga feiticeiros havia cinco longas semanas e aquele Verão estava a tornar-se quase tão mau como o anterior. Havia apenas uma pequena coisa que era melhor: depois de ter jurado que não a usaria para mandar cartas a nenhum dos amigos, Harry tinha sido autorizado a soltar a sua coruja *Hedwig* durante a noite. O tio Vernon acabara por ceder por causa da balbúrdia que ela fazia, sempre encurralada na gaiola.

Harry acabou o seu texto sobre a feiticeira Wendelin e parou para escutar. O silêncio da casa sombria era apenas cortado pelos roncões distantes do seu enorme primo Dudley. Devia ser muito tarde. Harry sentia picadas nos olhos devido ao cansaço. Seria melhor acabar o trabalho na noite seguinte.

Tapou o tinteiro, tirou uma velha fronha que tinha debaixo da cama, pôs a lanterna, *A História da Magia*, o seu trabalho, a pena e o tinteiro dentro da fronha e meteu tudo num esconderijo debaixo do soalho, mesmo sob a cama onde dormia. Em seguida, pôs-se de pé, espreguiçou-se e viu as horas no despertador de ponteiros luminosos que tinha na mesinha-de-cabeceira.

Era uma da manhã. O seu estômago contorceu-se. Havia uma hora que fizera treze anos sem dar por isso.

Outra coisa pouco usual na vida de Harry era a escassa esperança que depositava nos dias do seu aniversário. Nunca, até então, recebera um cartão de parabéns. Os Dursley tinham ignorado por completo os seus dois últimos aniversários e ele não tinha qualquer motivo para esperar que se lembrassem deste.

Harry atravessou a escuridão do quarto, passou pela enorme gaiola vazia de *Hedwig* e foi até à janela que estava aberta. Encostou-se ao peitoril, sentindo no rosto o agradável ar fresco da noite, depois de bastante tempo debaixo dos cobertores. *Hedwig* estava fora havia já duas noites, o que não o preocupava muito, já que não era a primeira vez, mas esperava que ela voltasse rapidamente. Era a única criatura naquela casa que não estremecia com a presença dele.

Apesar de continuar pequeno e magro para a idade, Harry crescera alguns centímetros desde o ano anterior. No entanto, o seu cabelo preto asa de corvo mantinha-se igual, teimosamente desalinhado por mais que o penteasse. Os olhos, por detrás dos óculos, eram de um verde brilhante e, na testa, por entre o cabelo, podia ver-se, claramente, uma fina cicatriz em forma de raio.

De todas as coisas pouco usuais em Harry, esta cicatriz era a mais extraordinária. Não era, como os Dursley durante dez anos tinham querido fazer-lhe acreditar, uma lembrança do acidente de automóvel em que tinham morrido os seus pais, porque Lily e James Potter não tinham morrido em nenhum acidente de automóvel, tinham sido assassinados. Assassinados pelo feiticeiro negro mais temido dos últimos cem anos, Lord Voldemort.

Harry escapara desse ataque apenas com uma cicatriz na testa, quando a maldição de Voldemort, em vez de o matar, se voltara contra o seu criador. Preso à vida por um fio, Voldemort desaparecera...

Harry, porém, voltara a encontrá-lo em Hogwarts. Ficou à janela, recordando o último encontro e reconhecendo que tivera imensa sorte em chegar vivo aos treze anos de idade.

Perscrutou o céu cheio de estrelas em busca de um sinal de *Hedwig*, trazendo-lhe, talvez, no bico um rato morto, à espera de um elogio. Olhando absorto sobre os telhados, só alguns segundos depois se apercebeu do que estava a ver.

Recortada contra a Lua dourada e aumentando de tamanho a cada momento, via-se uma criatura grande, estranhamente desequilibrada que agitava as asas em direcção a Harry.

Ficou muito quieto, vendo-a descer a pouco e pouco. Durante uma fracção de segundo hesitou, com a mão no puxador da janela, perguntando a si próprio se deveria fechá-la, mas, então, a bizarra criatura sobrevoou um dos candeeiros de Privet Drive e Harry, percebendo o que era, afastou-se.

Pela janela entraram três corujas, duas das quais carregavam a terceira que parecia estar inconsciente. Aterraram com um ruído abafado na cama de Harry e a coruja do meio, que era grande e cinzenta, caiu para o lado e ficou imóvel. Trazia um grande pacote amarrado às patas.

Harry reconheceu de imediato a coruja inconsciente. Era *Errol* e pertencia à família Weasley. Saltando para a cama, desamarrou os cordéis que lhe envolviam as patas, pegou no embrulho e levou-a para a gaiola de *Hedwig*. *Errol* abriu um olho remelento, deu um frágil pio de gratidão e começou a beber água.

Harry voltou-se para as outras corujas. Uma delas, uma coruja-das-neves, era a sua *Hedwig*. Também ela transportava um

embrulho e tinha um ar profundamente satisfeito. Deu a Harry uma bicada afectuosa quando ele lhe tirou a carga e voou pelo quarto, indo juntar-se à *Errol*.

Harry não reconheceu a terceira, uma bonita coruja trigueira, mas soube imediatamente de onde ela vinha, pois viu a carta que trazia, com o timbre de Hogwarts. Mal Harry lhe retirou o correio, ela enfunou as penas com ar importante, abriu as asas e voou em direcção à janela, perdendo-se na noite.

Harry sentou-se na cama, pegou no embrulho de *Errol*, rasgou o papel castanho e descobriu lá dentro um presente embrulhado em papel dourado com o seu primeiro cartão de parabéns. Com os dedos ligeiramente trémulos, abriu o sobrescrito. Duas folhas de papel caíram, uma carta e um recorte de jornal.

O recorte era claramente do jornal de feiticeiros *O Profeta Diário*, porque as pessoas da fotografia a preto e branco moviam-se. Harry pegou no recorte, alisou-o e leu:

FUNCIONÁRIO DO MINISTÉRIO DA MAGIA
OBTÉM GRANDE PRÉMIO

Arthur Weasley, chefe do Gabinete da Utilização Incorrecta dos Artefactos dos Muggles do Ministério da Magia, ganhou o Prémio Anual Galeão d'O Profeta Diário.

Radiante, a esposa de Mr. Weasley disse ao nosso jornal: — Vá-mos gastar esse ouro numas férias de Verão no Egipto, onde se encontra Bill, o nosso filho mais velho, que trabalha como anulador de maldições para o Banco de Feiticeiros de Gringotts.

A família Weasley passará um mês inteiro no Egipto, regressando para o início das aulas em Hogwarts onde cinco das crianças Weasley estão matriculadas.

Harry observou a fotografia móvel e um sorriso iluminou-lhe o rosto quando viu os nove Weasley acenando-lhe, entusiasmados, em frente de uma enorme pirâmide. A rechonchuda Mrs. Weasley, Mr. Weasley, alto e calvo, os seis filhos e a filha, todos eles (a fotografia a preto e branco não mostrava) com cabelos de um ruivo flamejante. Mesmo no centro da fotografia via-se Ron, alto e magro, de pernas finas com o seu rato *Scabbers* ao ombro e o braço sobre Ginny, a irmã mais nova.

Harry não se lembrava de ninguém que merecesse mais ganhar uma pilha de ouro que os Weasley, que eram ótimas pessoas e muito pobres. Pegou na carta de Ron e desdobrou-a.

*Caro Harry,
feliz aniversário!*

Desculpa, lamento imenso aquilo do telefonema. Espero que os Muggles não te tenham criado grandes problemas. Falei com o meu pai e ele disse que eu não devia ter gritado.

Isto aqui no Egito é magnífico. O Bill levou-nos a visitar todos os túmulos e não imaginas as maldições que os antigos feiticeiros egípcios lhes lançaram. A mãe não deixou a Ginny entrar no último. Estava cheio de esqueletos mutantes de Muggles que o profanaram e a quem cresceram cabeças extra.

Eu não queria acreditar quando o meu pai ganhou o prémio d'O Profeta Diário. Setecentos galeões! A maior parte gastou-se nestas férias, mas vão comprar-me uma nova varinha para o próximo ano lectivo.

Harry lembrava-se muito bem do dia em que a varinha de Ron estoirara. Tinha sido quando o carro em que eles voavam a caminho de Hogwarts se espetara contra uma árvore nos campos da escola.

Estaremos de volta uma semana antes do começo das aulas e vamos a Londres comprar a varinha e os livros. Achas que podemos encontrar-nos nessa altura?

*Não deixes que os Muggles te deprimam! Tenta vir a Londres,
Ron*

PS: O Percy é Delegado dos Alunos. Recebeu a carta na semana passada.

Harry voltou a olhar para a fotografia. Percy, que estava no sétimo e último ano de Hogwarts, tinha um ar particularmente presunçoso. Pregara o seu distintivo de Delegado dos Alunos no fez que encarrapitara sobre o cabelo bem penteado, os óculos com aros de tartaruga a brilharem ao sol do Egito.

Harry voltou-se em seguida para o presente e desembulhou-o. Lá dentro estava uma coisa que parecia um pião de vidro em miniatura. Junto dele, havia outro cartão de Ron.

Harry, isto é um Avisoscópio. Se houver alguém traiçoeiro perto de ti, ele acende-se e gira. O Bill diz que é uma aldrabice para os feiticeiros turistas e que não é de confiança porque não parou de se acender ontem à noite à hora do jantar. Mas ele não percebeu que o Fred e o George lhe tinham posto duas baratas dentro da sopa.

Adeus,

Ron

Harry pôs o Avisoscópio de bolso na mesinha-de-cabeceira, onde o objecto ficou muito quieto e equilibrado, reflectindo os ponteiros luminosos do relógio. Olhou satisfeito para ele durante alguns segundos, depois pegou no embrulho que *Hedwig* lhe trouxera.

Lá dentro havia também um presente embrulhado, um cartão e uma carta. Desta vez de *Hermione*.

Querido Harry,

o Ron escreveu-me a contar da chamada telefónica que foi atendida pelo teu tio Vernon. Espero que esteja tudo bem contigo.

Estou a passar férias em França e não sabia como mandar-te isto. E se abrissem na alfândega? Mas foi então que apareceu a Hedwig. Acho que ela queria assegurar-se de que tu recebias alguma coisa no dia dos teus anos, para variar.

O teu presente foi adquirido através do catálogo das corujas. Vinha um anúncio n'O Profeta Diário (temo-lo recebido. É tão bom mantermo-nos a par do que se passa no mundo da feitiçaria). Viste a fotografia do Ron e da família toda que saiu na semana passada? Aposto que está a aprender imensas coisas. Estou cheia de inveja, os feiticeiros do antigo Egipto eram fascinantes.

Aqui também há algumas histórias de feitiçaria locais. Reescrevi o meu trabalho para História da Magia para incluir algumas das coisas que descobri. Espero que não esteja demasiado grande, já ultrapassei em dois rolos de pergaminho aquilo que o professor Binns pediu.

O Ron diz que vai estar em Londres na última semana de férias. Achas que podes vir também? Espero que sim. Se não fores, vejo-te no Expresso de Hogwarts do dia 1 de Setembro.

Beijos da

Hermione

PS: O Ron diz que o Percy é Delegado dos Alunos. Aposto que está contentíssimo, mas o Ron não parece lá muito satisfeito.

Harry riu-se de novo, enquanto guardava a carta e pegava no seu presente. Era muito pesado. Conhecendo Hermione como conhecia, calculou que se tratasse de um livro enorme cheio de feitiços complicados... mas não era. O seu coração deu um salto quando rasgou o papel e viu um elegante estojo preto com letras douradas que diziam: *Kit de Tratamento de Vassouras*.

— Uau! Hermione! — exclamou, abrindo o fecho de correr do estojo para o ver por dentro.

Havia um grande frasco de verniz, para cabos Super-Brilho da *Fleetwood*, uma tesoura prateada para aparar a cauda da vassoura, uma bússola pequenina para lhe adaptar nas viagens mais longas e um livro prático de cuidados a ter com a vassoura, tipo *Faça Você Mesmo*.

Além dos amigos, aquilo de que Harry tinha mais saudades era do Quidditch, o jogo mais popular do mundo mágico, um jogo extremamente perigoso, excitante e jogado em cima de vassouras. Harry era por acaso um excelente jogador, fora o aluno mais jovem em um século a ser seleccionado para uma das equipas desportivas de Hogwarts. Um dos seus bens mais preciosos era a sua vassoura de corrida *Nimbus Dois Mil*.

Harry pôs o estojo de parte e pegou no último embrulho. Reconheceu de imediato os rabiscos desordenados no papel castanho: este era de Hagrid, o guarda dos campos. Rasgou a parte de cima do papel e vislumbrou uma coisa verde, semelhante a couro, mas, antes de ter tido tempo de o abrir convenientemente, o embrulho estremeceu e o que estava lá dentro abocanhou-o ruidosamente, como se tivesse mandíbulas.

Harry ficou gelado. Sabia que Hagrid nunca lhe enviaria propositadamente nada que fosse perigoso, mas a verdade é que ele não tinha uma visão muito comum do que era perigoso. Sabia-se que tinha feito amizade com aranhas gigantes, comprara cães com três cabeças a homens com quem jogara nos bares e guardara ilegalmente ovos de dragão na sua cabana.

Muito nervoso, Harry apalpou o embrulho. A coisa tentou novamente mordê-lo. Harry pegou no candeeiro que tinha à cabeceira da cama, agarrou-o com força com uma das mãos e levantou-o à altura da cabeça, pronto para lhe bater. Em seguida, agarrou o resto do papel de embrulho com a outra mão e puxou.

E apareceu um livro. Harry só teve tempo de admirar a sua bonita capa verde, adornada com o título a dourado *O Monstruoso Livro dos Monstros* antes de ele se virar e fugir pela cama fora, qual caranguejo esquisito.

— Oh, oh — resmungou Harry. O livro caiu ao chão com um baque e atravessou rapidamente o quarto. Harry seguiu-o sub-repticiamente. O livro escondera-se no vão escuro debaixo da secretária. Pedindo aos céus que os Dursley estivessem a dormir profundamente, Harry pôs-se de gatas e conseguiu agarrá-lo.

— Ai!

O livro fechou-se-lhe nas mãos e logo a seguir escapou-se, correndo apoiado nas capas. Harry andou de um lado para o outro, atirou-se para a frente e conseguiu comprimi-lo contra o chão. No quarto ao lado, o tio Vernon soltou um ronco no meio do sono.

Hedwig e *Errol* observaram, interessadas, o modo como Harry segurou nos braços o livro irrequieto, abrindo uma gaveta e retirando de dentro um cinto que amarrou em volta dele. O Livro dos Monstros estremeceu zangado, mas já não podia correr nem morder, por isso Harry pousou-o na cama e leu o cartão de Hagrid.

*Querido Harry,
feliz aniversário!*

Achei qu'este livro te seria útil prò próximo ano. Não te vou contar mais nada. Depois conversamos. Espero qu'os Muggles te estejam a tratar bem.

*O melhor pra ti,
Hagrid*

Harry achou bastante sinistro que Hagrid tivesse pensado que um livro capaz de morder-lhe iria ser útil, mas colocou o cartão ao lado dos de Ron e de Hermione, cada vez mais satisfeito. Só faltava agora a carta de Hogwarts.

Reparando que era mais espessa que habitualmente, abriu o sobrescrito, retirou a primeira folha de pergaminho e leu:

Caro Mr. Potter,

por favor, tome nota de que o novo ano escolar em Hogwarts terá o seu início no dia 1 de Setembro. O Expresso de Hogwarts partirá da estação de King's Cross, plataforma nove e três quartos, às onze horas da manhã.

Os alunos do terceiro ano estarão autorizados a visitar a vila de Hogsmeade em certos fins-de-semana. Por favor, entregue a autorização que enviamos para que o seu pai ou encarregado de educação a assine. Juntamos também uma lista dos livros para o próximo ano.

Atenciosamente,

Professora McGonagall

Vice-directora

Harry pegou no documento de autorização para visitar Hogsmeade e olhou para ela sem sorrir.

Seria óptimo visitar Hogsmeade aos fins-de-semana. Sabia que era uma vila exclusivamente de feiticeiros, onde nunca pusera os pés. Mas como iria convencer o tio Vernon e a tia Petúnia a assinar a autorização?

Olhou para o despertador: eram duas horas da manhã.

Tomando a decisão de deixar aquela preocupação para o dia seguinte, Harry voltou a meter-se na cama e fez uma cruzinha no gráfico que ele mesmo construía, onde riscava os dias que faltavam para voltar a Hogwarts. Em seguida, tirou os óculos e deitou-se com os olhos abertos, fixos nos três cartões de parabéns que tinha recebido.

Era extremamente raro sentir-se assim, como naquele momento, feliz, pela primeira vez na vida, por ser o dia do seu aniversário.